

CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DE ALFRED SCHUTZ PARA AS PESQUISAS SOBRE AIDS: CONSIDERAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS.

CONTRIBUTIONS OF ALFRED SCHUTZ'S PHENOMENOLOGY FOR THE RESEARCH ON AIDS: EPISTEMOLOGICAL AND METHODOLOGICAL CONSIDERATIONS.

CONTRIBUCIONES DE LA FENOMENOLOGIA DE ALFRED SCHUTZ PARA LAS PESQUISAS SOBRE EL SIDA: CONSIDERACIONES EPISTEMOLÓGICAS Y METODOLOGICAS.

Leandro Castro Oltramari¹

Resumo

O presente artigo se propõe a discutir as contribuições da fenomenologia de Alfred Schutz para o campo das pesquisas sobre comportamento sexual e vulnerabilidade para HIV/AIDS. Primeiro foi realizado um levantamento sobre as principais pesquisas sobre vulnerabilidade de HIV/AIDS no Brasil, além de uma apresentação sobre as principais tendências da epidemia. Depois é discutida a teoria fenomenológica no campo das ciências sociais a partir das contribuições de Alfred Schutz. Por fim, apresentamos uma discussão sobre a aplicação epistemológica e metodológica da fenomenologia nas pesquisas sobre comportamento sexual e risco de infecção pelo HIV/Aids, utilizando categorias como *epoché* e intersubjetividade.

Palavras-chave: HIV/Aids, fenomenologia, sexualidade, pesquisa, epistemologia.

Abstract

The present article aims at discussing the contributions of Alfred Schutz's phenomenology to the field of research on sexual behavior and vulnerability to HIV/AIDS. First, an investigation of the main studies on vulnerability of HIV/AIDS in Brazil was carried out, along with a discussion on the main movement of the epidemic. Then, the phenomenological theory is discussed within the field of the social sciences based on the contributions by Alfred Schutz. Finally, a discussion on the epistemological and methodological application of the phenomenology in the studies on sexual behavior and risk of infection by HIV/Aids is presented, using categories as *epoché* and intersubjectivity.

¹ Professor do curso de psicologia da UNIVALI, doutorando em ciências humanas (DICH/UFSC)

Keywords: HIV/Aids; phenomenology; sexuality; research; epistemology

Resumen: Este artículo quiere discutir las contribuciones de la fenomenología de Alfred Schutz para el campo de las pesquisas sobre el comportamiento sexual y la vulnerabilidad para el HIV/SIDA. Primeramente, fue hecho un levantamiento de las principales pesquisas sobre la vulnerabilidad para el HIV/SIDA en Brasil, además de una presentación de las principales tendencias de la epidemia. A seguir se discute la teoría fenomenológica en el campo de las ciencias sociales a partir de las contribuciones de Alfred Schut. Por fin presenta una discusión sobre la aplicación epistemológica y metodológica de la fenomenología en las pesquisas sobre comportamiento sexual y riesgo de infección por el HIV/SIDA utilizando categorías tales como *epoché* y ínter subjetividad.

Palavras chave: HIV/SIDA, fenomenologia, sexualidad, pesquisa, epistemologia

Introdução

A AIDS tem se constituído como um problema, tanto para as Ciências Sociais quanto para a Epidemiologia. Ao contrário do que ocorria no início da epidemia, quando os grupos de homossexuais, usuários de drogas e profissionais do sexo concentravam os altos números de incidência da doença, hoje, cada vez mais, a infecção pelo HIV tem acometido pessoas heterossexuais que vivem em regime de conjugalidade (GALVÃO, 2000).

As pesquisas sobre AIDS (no campo das ciências humanas), que iniciaram no início dos anos 80, preocuparam-se principalmente com a descoberta do HIV e suas formas de transmissão. Atualmente, os pesquisadores têm demonstrado maior interesse em saber como as pessoas percebem e se colocam, ou não, em risco frente à infecção pelo HIV, principalmente através dos estudos que tentam identificar qual é o significado da AIDS para elas (PARKER, HERDT, CARBALLO, 1995; PARKER, 2000). Os estudos, principalmente com pessoas que vivem em regime de conjugalidade, demonstram que há uma série de lógicas de subjetividades que fazem com que elas deixem de utilizar preservativo nas relações estáveis. A AIDS, para estes indivíduos, tem um significado diferente do que para as pessoas solteiras (PAIVA, 1992; MARTIN, 1997; TURA, 1998; MADEIRA, 1998; MONTEIRO, 1999a, 1999b).

Grande parte das pesquisas sobre o tema têm demonstrado que a temática da AIDS não está atrelada apenas aos riscos biológicos que a mesma traz à saúde das

peças. As análises realizadas não compreendem a AIDS apenas como uma doença desenvolvida a partir de um vírus. Ou seja, a AIDS se constitui a partir deste vírus, mas ultrapassa esta dimensão. O doente se inscreve em um espaço e tempo delimitados por significações partilhadas por outras pessoas que direcionam suas sexualidades e ações e que muitas vezes se identificam enquanto grupos. A AIDS se inscreve em um universo específico de percepções e representações sociais que fazem com que o fenômeno, seja compreendido das mais diversas maneiras direcionando, também suas formas de percepção sobre o risco de infecção. Isto quer dizer que pesquisar o HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana), que é o organismo que infecta o corpo e pode levar o sujeito a desenvolver a síndrome, é apenas uma das formas de compreender este fenômeno, que se constitui em uma “rede de significados” que faz com que os sujeitos reconheçam suas ações a partir dela (GEERTZ, 1989).

Partindo deste pressuposto é que a fenomenologia de Schutz pode nos auxiliar a compreender o fenômeno da AIDS em sua multiplicidade de significados. Sendo assim buscaremos aqui discutir a contribuição da fenomenologia para as pesquisas relacionadas à síndrome.

Contribuições fenomenológicas

A fenomenologia tem se colocado como uma estratégia epistemológica e metodológica que pretende superar as dicotomias existentes entre o psicologismo e o sociologismo e, além disto, é um método que pensa “ao mesmo tempo a exterioridade e a interioridade” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 156). É uma luta, segundo Merleau-Ponty, para uma ciência integral, que tivesse na própria experiência do pesquisador as bases para a realização da pesquisa.

Alfred Schutz (1979) assinala que uma das preocupações de Husserl era fazer uma filosofia que se distinguisse do realismo e do idealismo. Os dois objetivos de Husserl eram: primeiro “construir uma Psicologia empírica de peso; segundo estabelecer uma *Filosofia* universal partindo de um *principium* absoluto do conhecimento, no sentido literal do termo”. (SCHUTZ, 1979, p.57. Grifos do autor).

Alguns pontos são centrais para Husserl. Por exemplo, a noção de intencionalidade é fundamental já que a consciência apenas existe quando endereçada a um objeto e este

sempre é um objeto para alguém. Ou seja, a consciência é sempre consciência de alguma coisa e a intencionalidade é este direcionamento da consciência a um objeto.

Segundo Schutz (1979), Husserl aponta a vida cotidiana como um espaço da vida natural, ou seja, um espaço onde as pessoas se relacionam com os objetos aos quais a intencionalidade está alcançando. As pessoas só compreendem o mundo pela intencionalidade. Schutz (1979) ainda afirma que é necessário realizar a *redução fenomenológica* para se fazer uma análise eficaz do fenômeno. Para isto é necessário compreender alguns passos:

A *epoché* é o procedimento necessário para a compreensão do fenômeno. Para isto, é necessário isolar os valores e crenças de senso comum que possam influenciar em um julgamento *a priori* do fenômeno. Segundo Merleau-Ponty,

a redução põe entre parênteses as relações espontâneas da consciência com o mundo, não para negá-las, mas para compreendê-las. Esta redução refere-se ao mesmo tempo às manifestações do mundo exterior e ao eu do homem encarnado, do qual a fenomenologia vai buscar sentido (1990, 158-159).

Com a teoria de Husserl de *noese* (sobre o que se vivencia) e de *noema* (sobre aquilo vivenciado) podemos compreender como se relaciona aquele que observa um objeto e o sentido que o objeto toma para ele. A noemática relaciona-se com a noese, parte do sujeito que observa um determinado fenômeno. A noética refere-se às questões que se ocupam das vivências e dos sentidos como percepção e lembrança.

A *durée* faz com que apareça na consciência uma sobreposição de situações que fazem com que as pessoas tenham a sensação, como diz Husserl, de um “agora-assim”, de um cotidiano sempre presente, de uma “imediatez” da consciência e da experiência. O sujeito vivencia o cotidiano como um “agora sim”, embora ele, enquanto estiver na situação, não esteja consciente disto. Esta situação parece sempre irreversível àquele que a está vivenciando.

Schutz (1979) revela, portanto, que a importância do significado é dada pela experiência passada que a pessoa possui sobre um fato. Isto faz com que o significado das ações seja dado em consonância com as suas experiências anteriores. Este autor ressalta, ainda, que apenas uma experiência passada pode ser considerada significativa. A experiência de um fenômeno como comportamento sempre é analisável depois do

ocorrido e não no interior do momento em que ele ocorre. A compreensão, desta forma, parte sempre do passado.

O 'significado' das experiências, então, não é mais do que aquele código de interpretação que as vê como comportamento. Assim, também no caso do comportamento somente o que já está feito, terminado, tem significado. A experiência pré-fenomenal da atividade, portanto, não tem significado. Só a experiência percebida reflexivamente na forma de atividade espontânea tem significado. (p.67) [...] é no tempo interior, ou na *durée*, que nossas experiências atuais são ligadas ao passado por meio de lembranças e retenções e ao futuro por meio de protensões e antecipações (SCHUTZ, 1979, p. 69).

Estes significados são produzidos biograficamente em um mundo vivido coletivamente e que tem um caráter prático. Cada ser humano só pode ser compreendido a partir de sua biografia, ou seja, sua situação no tempo e no espaço, que é determinada através dos valores e crenças com os quais comunga e compartilha. A *situação biográfica determinada* "é a sedimentação de todas as experiências anteriores desse homem, organizadas de acordo com as posses 'habituais' de seu estoque de conhecimento a mão, que como tais são posses unicamente dele, dadas a ele e a ele somente"(SCHUTZ, 1979, p.73).

O sujeito se constitui em uma biografia única, mas dentro de um mundo que é comum a todos os seres humanos. O mundo existe independente do sujeito e continuará a existir depois dele, pois pressupõe uma existência material constituída por vários elementos da história da cultura. Mesmo que cada um possua uma biografia diferente, cada uma destas biografias será construída dentro de um mundo constituído por todos, mas vivenciados de forma diferente. O sujeito está sempre amparado em sua biografia e em uma comunidade de pessoas que formam o Outro para ele. Este Outro é imprescindível. É graças a ele que a sociabilidade se efetiva através dos atos comunicativos (SCHUTZ, 1979).

É importante ressaltar que o sujeito quando apreende e se socializa o faz através de suas experiências. Mesmo dentro da mesma cultura, ele se constitui um campo subjetivo particular que, mesmo dentro de um mesmo ambiente vivido por outros sujeitos, lhe confere sentidos diferentes. Esta situação confere ao ser humano com um estoque de conhecimentos, constituído através de sua vida diária, que faz com que ele dê sentido ao mundo que o rodeia a isto Husserl denomina "sedimentação de significado". Estes significados são construídos a partir da intersubjetividade. Husserl revela que a

intersubjetividade se constitui em um mundo compartilhado por todos nós. Este mundo intersubjetivo é constituído pela experiência comum, que faz com que compreendamos o que as pessoas nos dizem.

A intersubjetividade, para as Ciências Sociais, torna-se uma questão de suma importância. Esta, intersubjetividade, que necessita de um Eu e um Outro é que faz com que as experiências subjetivas, que são biográficas, sejam significativas. Neste sentido Schutz salienta a importância de compreender as pessoas dentro de seu mundo social. Através da utilização deste conceito as ações dos sujeitos de pesquisa podem ser interpretadas através de três tipos “indiretos de abordagem” (SCHUTZ, 1979, p.192). A primeira delas é colocar-se no lugar do outro e com isto compreender o que passa na ação de um sujeito quando age; a segunda revela que, a partir de informações sobre as ações costumeiramente desenvolvidas, as pessoas podem saber como uma outra procederia naquela situação; a terceira é, a partir da ação em curso, conseguir interpretar o que está acontecendo na ação desempenhada.

Para demonstrar o que é a intersubjetividade, Alfred Schutz (1974), fazendo uma análise de *Dom Quixote* de Cervantes, revela como o protagonista principal, seu fiel escudeiro Sancho, além de uma série de pessoas que os cercavam formaram uma rede de significados e valores para os protagonistas que faziam parte da história. Neste texto o autor afirma que existem diversas ordens da realidade, o que o psicólogo William James denominou “subuniversos”, cada uma com um significado específico. Estes *subuniversos* são como pequenos mundos, reais ou imaginários, que cada um, a sua maneira, vivencia como realidade. Nesta obra, Schutz alega que o sistema dos Cavaleiros, do qual Dom Quixote acredita participar, tem uma lógica que deve ser compreendida não como uma fantasia, mas como um “*ethos*” particular, ou seja, um “subuniverso” dos cavaleiros.

O ato de compreensão, afirma Schutz (1979), não pode ser realizado enquanto as pessoas estão envolvidas nele. Não se consegue fazer uma análise enquanto se age. A análise pode ser realizada quando este Nós, que é quando se age de forma coletiva, é captado no passado. Neste caso, sim, ele pode ser refletido. A pessoa, quando participa do relacionamento do Nós, não consegue percebê-lo de forma pura. Ela simplesmente vive dentro do Nós. O ato, para o Nós, é vivenciado de uma forma única, como se o mesmo não se repetisse, acontecendo dentro de um mundo intersubjetivo. É por este fato que Schutz relata que todo ato que tenta dar significado a uma forma de expressão do

sujeito que se comporta deve ser um ato compreensivo, pois ato de compreensão é aquele que dá sentido a uma experiência subjetiva.

É importante prestar atenção que a análise do fenômeno, ou do sujeito analisado, só pode acontecer porque o pesquisador compartilha do mesmo mundo que o sujeito que ele pesquisa. Por isto, podemos encontrar respostas se procurarmos os motivos pelos quais os realizaram tal ação. As ações humanas só são compreensíveis se encontrarmos nelas motivações. A pesquisa deve buscar responder quais foram os “motivos” que levaram os sujeitos a fazerem tal ação. Para Schutz (1979) esta é uma busca compreensiva.

Mais uma vez a intersubjetividade entra como um elemento importante para a pesquisa fenomenológica. Schutz revela que podemos compreender uma ação realizada por alguém quando nos colocamos, ao menos em pensamento, em situação similar a que está passando o sujeito pesquisado. Ele afirma que nossos atos são motivados para a ação do Outro, ou seja, quando faço algo é a reação do Outro que eu almejo. Este é um elemento importante para as considerações que serão realizadas a seguir. A intersubjetividade está sempre relacionada com o olhar, que é um olhar que tem o Outro como foco.

Por que isto é fundamental para a fenomenologia de Schutz? Dois pressupostos são importantes para compreendermos o que ele quer dizer. Primeiro, as pessoas vivenciam o cotidiano de forma diferente, dependendo do lugar que ocupam dentro de um determinado contexto. Assim, mesmo compartilhando intersubjetivamente um mesmo contexto, o Outro faz com que as experiências subjetivas não sejam iguais. Segundo, aponta que as situações biográficas dos sujeitos devem se diferir em determinados pontos. É importante lembrar que a biografia torna o sujeito singular, mas condicionado ao lugar e tempo em que se encontra. Isto é importante, pois é possível dizer o que uma pessoa passou através de sua experiência direta, quando o pesquisador compartilha da mesma experiência do sujeito que está sendo pesquisado. Este ponto é importante para pensar as pesquisas sobre AIDS a partir da fenomenologia.



As possíveis aplicações da fenomenologia para as pesquisas sobre AIDS

A partir do que foi citado acima, é possível perceber como as teorias desenvolvidas pela fenomenologia podem contribuir, sobremaneira, nas pesquisas sobre a AIDS. O conceito de intersubjetividade pode ser de extrema utilidade para estas pesquisas, em especial se tomamos a síndrome não apenas como uma doença desenvolvida a partir de um vírus, mas como um fato que existe apenas em relação a um sujeito infectado por outras pessoas. Assim, a AIDS fica atrelada a uma forma de relação interpessoal, que envolve sujeitos que ficam mais ou menos vulneráveis a partir de seu relacionamento com a doença.

A intersubjetividade, como afirma Schutz, se constitui em um mundo compartilhado através das relações interpessoais, inclusive para o pesquisador, estruturando-se a partir da experiência comum e diária. Neste caso, podemos compreender que a AIDS, desde o seu surgimento no início da década de 80, foi sendo compartilhada pelas pessoas e grupos que foram acometidos, ou não, por ela. Nas pesquisas sobre AIDS, a intersubjetividade contempla os saberes e significados que influenciam também o pesquisador, que além de tomar a AIDS como fenômeno a ser estudado tem seus próprios sentimentos sobre a doença. Este compreende os significados porque de alguma maneira os compartilha com os sujeitos que está estudando. É graças à intersubjetividade que se pode, por exemplo, compreender as significações que as pessoas atribuem à doença e suas representações. As pesquisas sobre o assunto têm demonstrado, por exemplo, que grupos de heterossexuais que vivem em regime de conjugalidade percebem a síndrome, de uma forma compartilhada, como uma doença que acomete os “outros”, pessoas “desviantes da normalidade”, como homossexuais, profissionais do sexo e usuários de drogas (MADEIRA, 1998; KNAUTH, 1997; JOFFE, 1998a, 1998b; AVI, 2000; OLTRAMARI, 2001).

Mas são necessários uma série de procedimentos para que a pesquisa seja executada. Uma das questões que merece atenção é a “intencionalidade”. A AIDS, torna-se um fenômeno a ser estudado para um pesquisador, sendo que este tem uma biografia específica constituída a partir da vida cotidiana que é um espaço onde a intersubjetividade define um campo de significações compartilhadas entre pesquisador e sujeito pesquisado.

Este fato pode ser demonstrado a partir de uma pesquisa de Avi (2000) com profissionais de saúde, que revelou que mesmo profissionais que têm capacitação específica sobre a síndrome possuem representações sociais muito próximas de pessoas leigas. E isto acontece pois compartilham um cotidiano de valores e crenças que independem de sua condição de técnico de saúde. A AIDS, para estes técnicos, é vivenciada de uma forma não reflexiva, como um “agora-sim”, que faz com que os mesmos respondam de forma amedrontadora e moral, de uma forma análoga às pessoas que não têm conhecimento científico.

É por estas razões que a pesquisa fenomenológica deve tomar alguns cuidados. O primeiro deles refere-se a redução fenomenológica. É necessário fazer com que o fenômeno AIDS seja compreendido a partir de uma *epoché* que possa “suspender” os valores e crenças que estão relacionados a tal temática, inclusive para o pesquisador. E isto acontece devido ao fato de o pesquisador estar diretamente relacionado com estes valores e viver em um mundo intersubjetivo, que faz com que possa compreender o sentido dos fenômenos compartilhados com outras pessoas. O segundo refere-se a *durée*, que está relacionada ao tempo necessário para fazer uma análise do fenômeno. Isto é importante, pois o pesquisador, quando vivencia as situações, não consegue fazer o afastamento suficiente para a análise. Apenas depois da situação ter acontecido é que poderá fazer tal reflexão, debruçando-se sobre o significado do acontecimento passado e conseguindo captá-lo.

É possível relacionar a *durée*, a algumas pesquisas sobre AIDS. Nos trabalhos de Monteiro (1999a, 1999b) sobre adolescentes de uma comunidade pobre do Rio de Janeiro, os mesmos revelavam que a utilização de preservativo se fazia necessária quando estes não tinham confiança ou não conheciam os parceiros. Os adolescentes pesquisados utilizavam métodos de prevenção quando as suas relações eram com pessoas desconhecidas. Quando perguntados sobre os riscos, afirmavam que no momento do ato sexual não estavam com preservativos em mãos e, portanto, não os utilizavam. Poucos relataram sobre os riscos de infecção pelo HIV quando estavam em relacionamento estável. Suas preocupações, principalmente no tocante às mulheres, eram com a gravidez. Nos grupos pesquisados, os jovens refletiam sobre a sua situação de vulnerabilidade, mas mostravam que havia em suas respostas “núcleos simbólicos

organizadores do sistema cultural de proteção” que limitam e possibilitam a prevenção nestes grupos (MONTEIRO, 1999b, p.22).

Esta questão demonstra que a *durée* é tão necessária ao pesquisador quanto para o sujeito pesquisado. É somente através de uma reflexão de um acontecimento que se deu no passado, que será possível fazer uma reflexão fenomenológica. Até porque, no caso das experiências de ordem da sexualidade, estas só podem ser buscadas através dos significados que possuem para os sujeitos.

As experiências no âmbito da intimidade, conforme Schutz (1979) são de difícil acesso, pois para que a pesquisa tenha sucesso é necessário buscar o significado das experiências sexuais dos sujeitos envolvidos. Mas já existem, algumas experiências metodológicas exitosas neste campo de pesquisas sobre intimidade. Giami (1999) por exemplo, utilizou um procedimento metodológico chamado de etnografia clínica, conseguindo assim investigar a intimidade, identidade sexual e as representações da sexualidade de um jovem parisiense através do relato das experiências de vida deste sujeito.

É neste conjunto de relações que a sexualidade e a AIDS podem ser compreendidas. O fato de esta síndrome ser transmitida prioritariamente por via sexual faz com que se inscreva no âmbito da intimidade. Portanto, é fundamental entender que para compreender a sexualidade e a AIDS devemos procurá-las na intimidade, que é vivenciada de forma particular por cada indivíduo. No caso da AIDS, é importante buscar os significados que a mesma tem para os sujeitos.

A busca por significados está de acordo Schutz (1979), em todo ato que busca uma expressão do sujeito que tem um determinado comportamento. Este é um ato de compreensão quem tem sentido quando o pesquisador busca na sua biografia e na do sujeito pesquisado fazer uma *époche* dos códigos simbólicos que motivam as ações das pessoas através de suas experiências subjetivas. O fato das experiências sexuais serem descritas a partir de uma perspectiva passada as tornam objeto de reflexão. É claro que esta reflexão, por estar sendo descrita de um ponto de vista já passado, se torna distante da ação em si. Por um lado, o que permite a reflexão é também aquilo que possibilita àquele que é pesquisado o acesso ao sentimento vivido no momento da ação.

Esta questão pode ser percebida em pesquisas que versam sobre sexualidade e AIDS. Nestas, as respostas dos entrevistados surgem citando a confiança (GUIMARÃES,

INTE THESIS

1996a, 2001) e o amor (CARVALHO,1998) como impeditivos para a prevenção da AIDS. Estas pesquisas demonstram que, no momento das respostas dos entrevistados, o afastamento da situação fez com que os mesmos refletissem e colocassem seus sentimentos. Isto faz com que as respostas não sejam uma reprodução do que os entrevistados sentiram no momento da ação, mas a significação de algo que aconteceu no passado e retorna ao presente.

Esta compreensão só é possível devido ao fato de o pesquisador e o sujeito compartilharem de experiências semelhantes e viverem em um mundo intersubjetivo. Assim, o pesquisador, para compreender um fenômeno a partir da fenomenologia, deve entender que as ações humanas são compreensíveis se encontrarmos nelas motivações que porque os sujeitos realizam tal ação.

No caso da AIDS, não se deve somente procurar saber se os sujeitos entrevistados estão vulneráveis à infecção porque possuem maior ou menor informação ou conhecimento sobre ela. É fundamental questionar de que forma, pensam o risco de infecção e o vivenciam dentro de suas relações sociais e do seu cotidiano.

É neste sentido que a análise do tema se faz possível devido ao pesquisador poder se colocar, ao menos em pensamento, em situação similar a do sujeito que entrevista. Este detalhe é bastante importante, pois as pessoas, quando se relacionam com alguém, estão envolvidas pela situação que acontece com qualquer pessoa que esteja afetivamente envolvida. Isto faz com que os comportamentos ditos preventivos sejam esquecidos, como já declaramos anteriormente. Neste caso, podemos pensar que o fato do pesquisador ter uma história de relacionamentos afetivos e sexuais faz com que este tenha possibilidade de pensar a partir de uma série de valores e crenças análogos aos dos sujeitos estudados. A possibilidade de análise está na própria experiência prévia que o pesquisador tem sobre o assunto que se propõe a estudar. A sua experiência biográfica balizará sua pesquisa sobre o assunto. No caso da AIDS e da sexualidade, as suas impressões, medos e crenças fazem com que este se coloque frente ao fenômeno de uma determinada forma, direcionando não apenas sua análise como sua pesquisa. Com isso, Schutz (1979) revela que podemos sim compreender uma ação realizada por alguém e isto ocorre quando nos colocamos, ao menos em pensamento, em situação similar ao vivenciado pelo sujeito pesquisado.

intert
T H E S I S

Considerações finais

Este trabalho se propôs a discutir alguns aspectos da fenomenologia de Alfred Schütz e suas contribuições às pesquisas sobre AIDS. A saúde coletiva e principalmente os estudos sobre AIDS, tem sido profundamente marcada por novas exigências teóricas e metodológicas.

A intersubjetividade demarca um espaço fundamental para a compreensão dos fenômenos de pesquisa sobre a sexualidade e a AIDS. O fato de estarmos em um mundo intersubjetivo é o que nos possibilita a compreensão da temática. Por vivenciarmos um mundo compartilhado nos é possível a compreensão de temas que por sua vez, produzem conhecimento.

Outro fator que deve ser pensado é sobre a importância de compreender a biografia do sujeito pesquisador como algo fundamental para as pesquisas. Ou seja, este sujeito possui uma biografia específica. Não se pode esquecer que esta só pode ser constituída através da intersubjetividade inclusive, é a partir da biografia do pesquisador, sua história, que a análise da própria pesquisa é possível. No caso da AIDS, o pesquisador também está marcado pelos mesmos medos e representações com que a síndrome se apresenta aos seus pares. Por isso, ele consegue compreender o fenômeno que se propõe a estudar, embora deva colocá-lo em suspensão através da *epoché*, que o possibilitará fazer uma análise sem colocar diretamente seus valores atrelados ao fenômeno que está pesquisando.

Este é um cuidado que devem ter aqueles que pesquisam sexualidade e AIDS. Lidar com este tema é estar no meio de uma série de discursos e representações que expressam os desejos, medos, prazeres e moral daqueles que se envolvem com tal temática. Portanto, nada mais necessário ao pesquisador do que saber que sua biografia delimita, o fenômeno que estuda.



Referências bibliográficas

AVI, G.D.S. (2000) *Informação técnica não basta: as representações sociais da AIDS em profissionais de saúde*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade), Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CARVALHO, M.do R. Eu confio, tu prevines, nós contraímos: uma (psico)lógica (im)permeável à informação? In: MADEIRA, M; JODELET, D (Orgs). (1998). *AIDS e Representações sociais: à busca de sentidos*. Natal: EDUFRRN, 1998, pp. 89-94.

GALVÃO, J. (2000). *AIDS no Brasil: a agenda de construção de uma epidemia*. Rio de Janeiro: ABIA; São Paulo: Ed. 34.

GEERTZ, C. (1998). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

GIAMI, A. (1999). Parler de sexualité: subjetivité et singularité de l'expérience individuelle. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, n.12, pp.213-243, dez.

GUIMARÃES, C. D. "Mas eu conheço ele!": Um método de prevenção do HIV/AIDS. In: PARKER, R; GALVÃO, J. (Orgs). (1996a) *Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará:ABIA:IMS/UERJ, pp.169-179.

_____. (2001) *AIDS no feminino: porque a cada dia mais mulheres contraem AIDS no Brasil?*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

JOFFE, H. Degradação, desejo e "o outro". In: ARRUDA, A. (Org) (1998b) *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, pp.109-128.

_____. "Eu não", "o meu grupo não": representações sociais transculturais da AIDS. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs). (1998a) *Textos em representações sociais*. 4ed, Petrópolis: Vozes, pp. 297-322.

KNAUTH, D.R. (1997) O vírus procurado e o vírus adquirido: a construção da identidade entre mulheres portadoras do vírus da AIDS. In: *Revista de estudos feministas*, n.2, pp.291-303.

MADEIRA, M.C. A confiança afrontada: representações sociais da AIDS para jovens. In: MADEIRA, M.; JODELET, D. (Orgs). (1998) *AIDS e Representações sociais: à busca de sentidos*, Natal: EDUFRRN, pp. 47-72.

MARTIN, D. (1997) Mulheres e AIDS: uma abordagem antropológica. In: *Revista USP*, nº 33, , pp. 89-101,

MERLEAU-PONTY, M. (1990) *Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos psicossociologia e filosofia*. Campinas: Papirus.

MONTEIRO, S.S. (1999a) AIDS e proteção: a visão de jovens de um bairro popular. In: *Revista de Estudos Feministas*. Ano 7, pp 72-88.

_____. (1999b) *AIDS, sexualidade e gênero: a lógica da proteção entre jovens de um Bairro Popular Carioca*. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública, FIOCRUZ, São Paulo.

OLTRAMARI, L.C.(2001) *Representações sociais de profissionais do sexo da região metropolitana de Florianópolis sobre prevenção da AIDS e DSTs*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PAIVA, V. O simbolismo da AIDS, alteridade e cidadania. In: PAIVA, V. (Org) (1992) *Em tempos de AIDS: viva a vida: Sexo seguro, prevenção, drogas, adolescentes, mulheres, apoio psicológico aos portadores*. São Paulo: Summus, pp. 53-62.

PARKER, R. (2000) *Na contramão da AIDS: sexualidade, intervenção, política*. Rio de Janeiro:ABIA/Ed.34,.

PARKER, R.; HERDT, G.; CARBALLO, M. Cultura sexual, transmissão do HIV e pesquisas sobre AIDS. In: CZERESNIA, D et al. (Orgs). (1995) *AIDS: pesquisa social e educação*. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec/ABRASCO, pp. 17-45.

SCHUTZ, A. Bases da fenomenologia. In: WAGNER, H. (Org). (1979) *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. (1974) Don Quijote y el problema de la realidad. In: *Estúdios sobre teoria social*. Buenos Aires, Amorrortu, pp.133-152,

TURA, L. F. R. A AIDS, o preservativo e a prevenção". JORNADA INTERNACIONAL SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: TEORIA E CAMPO DE APLICAÇÃO. Anais... Natal/RN – Brasil, 1998, pp.38. [Resumo].

